

DIÁRIO DE BORDO

ESTIMATIVAS BOAS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

OS BONS preços agrícolas em todo o mundo geraram inflação nos alimentos, afetando, sobretudo, os consumidores mais pobres e exigindo de diversos governos ações de caráter social para a proteção de tais consumidores.

Por outro lado, agricultores de todos os continentes trataram de plantar e produzir mais, para aproveitar a onda de boa remuneração da atividade. Essa atitude natural terá duas consequências. A primeira, aliás, já está acontecendo: o aumento dos custos de produção. Insumos essenciais, como fertilizantes, defensivos, sementes, máquinas e equipamentos, mais demandados, ficaram bem mais caros, em muitos casos mais do que dobrando seus preços.

Já a segunda consequência é a tendência de redução da famigerada inflação, que acontecerá com uma maior oferta agrícola, ainda em menor escala em 2022, mas seguramente mais expressiva em 2023.

O Brasil não ficou fora desse cenário, e os nossos produtores estão plantando uma safra grande de grãos neste ano, com uma área 4,1% maior do que a do ano passado, mas com uma produção esperada 17% superior à colhida neste ano. Devemos colher cerca de 290 milhões de toneladas de grãos se o clima ajudar, como está acontecendo no plantio.

Com isso, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) está prevendo que o Valor Bruto da Produção (VBP) chegue a R$ 1,169 trilhão em 2022, ou 4,4% maior do que o deste ano, estimado em R$ 1,120 trilhão.

Para o VBP das 21 lavouras que compõem o levantamento, a previsão é de que chegue a R$ 803,6 bilhões, ou 6,1% maior do que o deste ano. Esse crescimento explica-se, em grande parte, observando-se o caso do milho.

A seca inclemente de 2021 determinou uma queda na segunda safra de milho superior a 20 milhões de toneladas – um desastre. Agora, como choveu mais cedo, a soja está sendo plantada em condições favoráveis de época, de modo que tudo indica que haverá uma boa "janela" para a semeadura da segunda safra, a ex-safrinha de milho, garantindo uma colheita muito melhor no ano que vem. O MAPA espera que o VBP do milho chegue a R$ 150 bilhões, 21% a mais do que neste ano.

Está previsto, também, um crescimento dos VBPs de algodão, cana-de-açúcar e café. Em compensação, os VBPs devem cair para arroz, feijão, trigo, mandioca e laranja, entre outras culturas.

Para o caso da pecuária, a estimativa é de um crescimento menor, de apenas 0,8% em relação a este ano, devendo chegar a R$ 365,4 bilhões. Isso se deve à previsão de redução em 8,0% do VBP da bovinocultura de corte, que deve atingir R$ 142,5 bilhões. Para frangos, suínos, leite e ovos, o MAPA espera pequenos aumentos variados.

É evidente que tudo isso é previsão, e essas expectativas são bastante prematuras. Mas as perspectivas de clima são favoráveis para toda a estação, e não se espera a repetição da seca que pegou em cheio culturas de inverno como o trigo e culturas permanentes e semipermanentes como cana, café, laranja e frutas, que foram, adicionalmente, muito prejudicadas pelas geadas do final de junho e do começo de julho.

Os números entusiasmam, dando a esperança de que, mais uma vez, a agropecuária ajude no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e, principalmente, contribua com a geração de novos postos de trabalho, reduzindo o grande fantasma do desemprego. ■

O Brasil está plantando uma área 4,1% maior do que a do ano passado, mas com uma produção esperada 17% superior, devendo colher cerca de 290 milhões de toneladas de grãos.